

Relato de intercâmbio – por Isabella Bertelli Cabral dos Santos

Em janeiro desse ano (2009), fui contemplada com uma bolsa do programa ISAC-Eramus, para cursar um semestre de graduação na universidade do Minho, na cidade de Braga, norte de Portugal. Fiz o que se refere ao segundo semestre europeu, pois o primeiro vai de setembro a janeiro, e o segundo, de fevereiro a julho. Lá pude assistir a várias matérias, para depois definir meu plano de estudos – as que eu iria realmente cursar.

Para decidir as que eu iria assistir, olhei antes a lista das matérias, que continha apenas os nomes das disciplinas, e escolhi mais de dez. Cortei algumas e consegui selecionar seis. Depois de assistir as seis, gostei de todas. Uma era do primeiro ano, “Neurociências Cognitivas”, outra era do segundo ano, “Laboratório de Cognição Social”, e as outras quatro eram justamente todas as obrigatórias do segundo semestre do mestrado integrado em psicologia experimental, “Laboratório de memória humana”, “Laboratório de linguagem”, “Metodologia e análise de dados em psicologia experimental” e “Comportamento e cognição animal”.

Lá o mestrado é integrado, ou seja, pode ser feito nos dois anos seguintes aos três da licenciatura. Os três primeiros anos são chamados de ciclo básico, e os dois últimos anos, equivalentes ao grau de mestrado, são especializados, você pode optar dentre sete ramos de profissionalização, que são - Psicologia Clínica; Psicologia da Saúde; Psicologia Escolar e da Educação; Psicologia do Trabalho, das Organizações e dos Recursos Humanos; Psicologia da Justiça; Psicologia do Desporto e do Exercício; e Psicologia Experimental e suas Aplicações.

Com relação aos três anos de licenciatura, as matérias são divididas em agrupamentos (por exemplo, “bases sócio-culturais da psicologia”, “processos psicológicos elementares” etc). Não há matéria obrigatória em si, os alunos têm que cursar um tanto de cada agrupamento, podendo escolher dentre as disciplinas de cada um. Ao fim dos três anos, conclui-se a licenciatura, e pode-se concorrer a uma vaga no mestrado.

Voltando um pouco na história, confesso que antes de ir para a UMinho eu tinha algum preconceito com relação à universidade. A UMinho não é uma universidade conhecida, eu mesmo nunca tinha ouvido falar dela antes de optar na hora da bolsa, escolhi Portugal porque eu tinha que ser fluente na língua. As universidades mais conhecidas de lá são a de Lisboa, Porto e Coimbra. Eu podia escolher entre Coimbra e a do Minho. Optei pela última pelos títulos das matérias, que me interessaram mais. Depois de ter conseguido a bolsa, fiquei me perguntando se tinha mesmo sido uma boa escolha. Portanto, cheguei à Portugal com baixas expectativas.

Minhas primeiras impressões sobre as aulas foram as melhores possíveis. Achei os professores muito bons. A única matéria que era em uma sala grande, de mais de 50 pessoas, era a “Neurociências Cognitivas”, para o primeiro ano. Nas demais, eram grupos pequenos, de menos de quinze pessoas, e em salas com computadores. Cada aluno se sentava em frente a um computador.

Depois descobri que havia o uso de um sistema online, o e-learning. Na primeira semana, recebi os programas das matérias. Minha sensação era de estar em um lugar muito moderno. Depois descobri que muitas características da Universidade eram devidas à sua adesão à Declaração de Bolonha. Trata-se de um projeto que tem como intenção estabelecer normas comuns às universidades européias. De acordo com o site do [DGES, Direção Geral do Ensino Superior \(http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Processo+de+Bolonha/\)](http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Processo+de+Bolonha/), a proposta de Bolonha é “ *A harmonização das estruturas do ensino superior conduzirá, por sua vez, a uma Europa da ciência e do conhecimento e, mais concretamente ainda, a um espaço comum europeu de ciência e de ensino superior, com capacidade de atracção à escala europeia e intercontinental. Os objectivos gerais da Declaração de Bolonha são: o aumento da competitividade do sistema europeu de ensino superior e a promoção da mobilidade e empregabilidade dos diplomados do ensino superior no espaço europeu.*”

A UMinho aderiu à Bolonha, o que não significa que não haja críticas ao processo por várias partes. Conversando com alguns alunos, descobri que há alguma desconfiança sobre o modo como o processo está sendo implantado, algo como que às pressas, mal feito. Muitos criticam a desvalorização da licenciatura que seria decorrente do modelo, pois a licenciatura se completa em três anos, e esse tempo não seria suficiente para uma boa formação, na visão de muitos. Outros ainda criticam o mestrado integrado se iniciar tão cedo, pois muitos alunos não teriam ainda a maturidade para escolher uma área. Na visão de muitos, Bolonha vem para servir a uma lógica de números, em que o governo mostra que mais alunos estão se formando na licenciatura, mesmo que não estejam qualificados o bastante para isso. Tratar-se-ia de uma lógica estatística, em que não haveria preocupação com a qualidade, e sim com a quantidade e com um suposto alinhamento entre universidades européias, que pode não levar a lugar algum.

De qualquer modo, surpreendi-me com a Psicologia que encontrei lá. Gostei muito da liberdade dada ao aluno desde o início, em que ele pode optar pelas matérias que vai fazer, tendo que escolher por um tanto de cada área. O mestrado integrado é muito bom, pois nos dois últimos anos você já está se especializando e se dedicando exclusivamente ao que gosta. Senti modernidade tanto na infra-estrutura, quanto nos conteúdos. As salas com computadores são usadas da seguinte forma: na graduação, normalmente o professor pede para entrarmos em sites, para vermos alguma coisa, por exemplo, no laboratório de cognição social entrávamos em sites de pesquisa em inglês, para vermos como são feitas pesquisas nessa área. Respondíamos a algumas online, e discutíamos como eram feitas, seus objetivos e se eram atingidos. Nas aulas do mestrado, usávamos o Excel ou outros softwares para aprender a fazer pesquisa, seja tabular ou analisar dados, seja montar o experimento.

Quanto ao material, os textos lidos são muito atuais. Isso não significa que é condenado que se leia algo antes dos anos 2000, claro, mas a maior parte do que é lido é de 2000 para cá. Por exemplo, no laboratório de cognição social, do segundo ano, nós tivemos que ler um especial de uma revista científica sobre cognição social. Eram oito artigos em inglês, de 2008. Por falar nisso, todos os textos que tive que ler na UMinho, sem exceção, eram em inglês. Os professores muitas vezes usavam slides em inglês, e fiz uma matéria toda em inglês, pois o professor era estrangeiro. Todos os trabalhos podiam ser entregues em inglês. Isso serve a uma dupla função, a primeira é a de facilitar a vida dos intercambistas, que vêm de vários lugares do mundo e que muitas vezes não são fluentes em português. A segunda é a de incentivar os alunos a usar o inglês, considerado por muitos a língua da ciência.

Quanto à avaliação, na UMinho, há uma avaliação contínua do aluno, o que nos obriga a sempre estar estudando, a sempre estar a par da matéria. A partir da segunda semana de aula, cheguei a realizar no mínimo uma prova por semana, isso até o último dia de aula. As avaliações são feitas através de provas (que são chamadas de mini-testes), trabalhos, seminários e participação em aula. O que importa é que são feitas continuamente, sempre nos mostrando onde temos que melhorar, e nos dando chance para tal. Outro fator importante é a rigidez na correção. Os professores são muito rígidos na correção. Percebi que os professores super estimam os alunos, cobrando muito deles, de modo a sempre “puxá-los” para cima. O nivelamento é por cima, e não por baixo.

Nas matérias do mestrado integrado em Psicologia Experimental, aprendemos bastante sobre o uso de softwares para realizar pesquisa. Foi algo que eu nunca tinha tido contato, e que mudou meu conceito sobre pesquisa. As avaliações eram, por exemplo, realizar uma pesquisa utilizando o software SuperLab, ou então provas realizadas no computador, em que tínhamos que elaborar uma pesquisa para avaliar X aspecto, usando o SuperLab. Isso fez com que eu aprendesse a dominar essas técnicas, o que foi muito importante. Agora conheço outras formas de pesquisa além do questionário e da entrevista.

Outro aspecto diferente é que na UMinho os alunos podem ter como parte da nota nas matérias a participação, como sujeitos, em pesquisas. Isso facilita, e muito, a vida do pesquisador, porque consegue mais facilmente os participantes. Por outro lado, trata-

se de alunos de Psicologia, o que pode enviesar algumas pesquisas (é uma crítica conhecida na área da Psicologia – a das pesquisas serem feitas, em sua maioria, com estudantes de Psicologia). Na ótica do aluno, pode ser incômodo ter que participar de pesquisas a todo o momento (não é obrigatório, mas como é uma parte da nota, a maioria tende a aceitar), mas ao mesmo tempo o leva a ter um contato maior com pesquisas.

Esses são só alguns pontos, os que ficaram mais marcados. Essa foi minha experiência, outras pessoas podem ir à mesma universidade e ver outros aspectos. O intercâmbio foi muito especial, porque mudou minha visão da Psicologia, mudou meus planos de carreira, e não fugindo do clichê, abriu meu horizonte. Às vezes, ficamos muito fechados em nossa universidade, e não temos a possibilidade de ter uma vivência de algo diferente. O mesmo curso, em outra universidade, em outra cidade, em outro país, pode ser muito diferente. Não necessariamente você vai gostar de tudo, concordar com tudo, porém terá algo com que confrontar sua visão habitual, o que já é enriquecedor.

Quanto à minha experiência, só posso dizer que a UMinho acrescentou muito em minha vida. Agradeço muito aos professores, que em geral me aceitaram bem, e me ensinaram muito, mesmo. Ser intercambista não é fácil, você já parte de uma desvantagem com relação aos alunos regulares, que tiveram a educação inteira naquele país, têm a cultura daquele país, e fizeram toda a graduação ali. Quando o professor diz, “Como já vimos antes...” a vida de um Erasmus se complica. Ainda assim, o desafio é interessantíssimo. Procurar entender aquela visão, aquela forma de entender a Psicologia, de trabalhar e pesquisar nela, e correr atrás de pelo menos um pouco que já foi dado; tentar, em alguns momentos ser como um aluno regular de lá, e ao mesmo tempo, saber, a todo momento, que é um estrangeiro (não só de outro país, mas de outra Psicologia!). Encarei o desafio de fazer muitas matérias, mas esse desafio me fez crescer bastante. O que eu trouxe delas foi uma mudança de postura, de entendimento, de ponto de vista, de planos, de rumos, que ninguém conseguirá medir facilmente.

Se quiser saber mais sobre a UMinho e minha experiência de intercâmbio, coloquei vários textos no meu blog, o *CientíficaMente* (www.cienciaemente.blogspot.com). Procure pela marcação “intercâmbio”.

